

Cruzeiro do Bispo — Na freguezia de Mujães — Viana do Castelo



Braga, 30 de Abril de 1929

Ilustração Catholica

NUMERO 360 — ANO VIII

DIRECTOR E EDITOR

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Joaquim Antonio Pereira Villela

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX — BRAGA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	2\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

CAPAS PARA A ILLUSTRACÃO CATHOLICA

Preço de cada capa de luxo	7\$50
Encadernação	2\$50

Pedidos à Administração

Estabelecimento de Malas e Artigos de viagem

— DE —

Francisco Fernandes Machado

Casa Fundada em 1865

29, R. de S. Marcos, 31 -- BRAGA

Fabrica toda a qualidade de artigos de viagem, e malas de todos os tamanhos e feitos, em lona, chapa, couro e pergamoide, encarregado-se tambem do concerto das mesmas.

Prontidão e preços rasoaveis

Esta casa é recomendada por ser uma das que melhor serve tanto em preços como em qualidade. Comprar nesta casa, é ter a certeza de ficar bem servido.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA QUINENAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

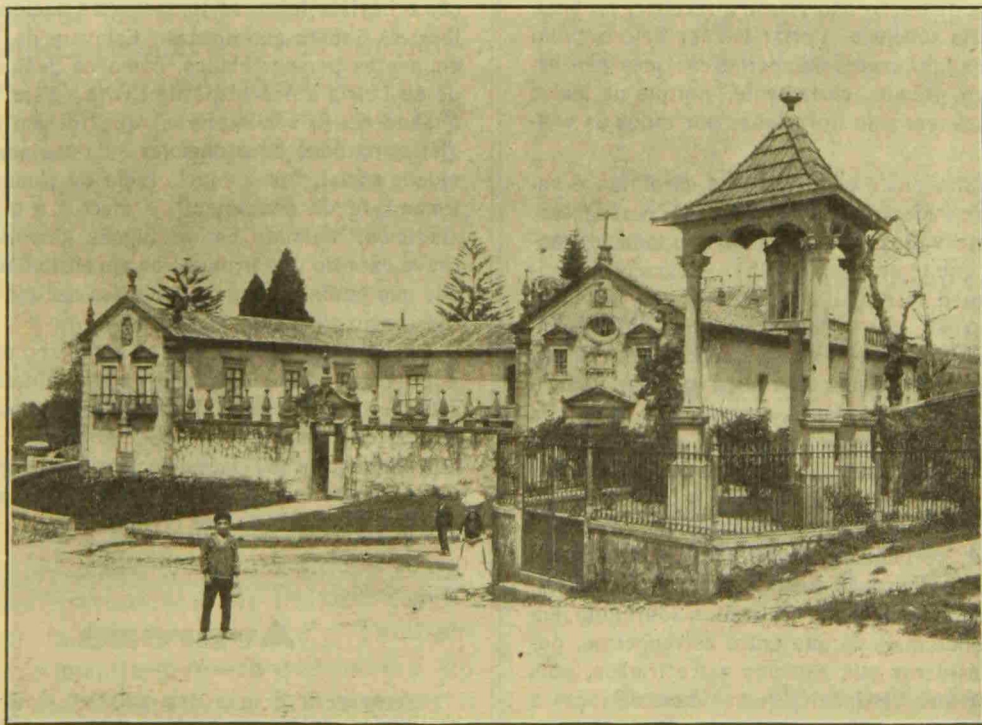
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 30 de Abril de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VIII — N.º 360



BRAGA — Largo e Casa de Infias

(Foto-Chic de Alberto Marques)

COMEÇARAM em Sevilha e Barcelona, simultaneamente, as exposições que este ano ocupam a actividade hespanhola. E' a de Sevilha intitulada Ibero-Americana pois se reservou para ela a representação de Portugal, Espanha e dos países americanos da raça peninsular, o Brasil e as Republicas espanholas. A de Barcelona, porem, admite nas suas grandes instalações quaisquer países, sejam ou não de raça hispânica, tendo-lhe sido dado o nome de Internacional, e realmente o merecendo.

Portugal está representado em uma e outra exposição. Na de Barcelona, por iniciativa particular da Camara de Comercio que, com patriótico afan, cuidou disso, conseguindo uma representação que, modesta embora, não é desonrosa para o br^o nacional.

E em tão boa hora o fez, que Braga, que tem lá a instalação da Casa Imperio, com suas esplendidas malas de viagem obteve uma grande distincção logo no momento de se inaugurar a Exposição, pela atenção que despertou a El-Rei D. Afonso XIII, e à graciosa infanta D. Maria Cristina. E se outra distincção não viesse a receber, no final, já esta seria suficiente a criar um legitimo orgulho aos activos fabricantes bracarenses: mas não será o único prémio, certamente, porque as malas bracarenses tem sido apreciadas por todos os visitantes.

Em Barcelona é pequena, mas escolhida e valiosa a representação da actividade portugueza. E igualmente valiosa, porem mais avultada e grandiosa é a que temos em Sevilha. Nesta última cidade, ergueu Portugal um pavilhão que tem sido apreciadíssimo, por fazer um conjunto interessante, de estilo portuguez, as suas edificações. Houve o bom gosto de erguer uma obra caracteristica, e na maior parte duradoura, erguida com materiais portuguezes, por operarios e sob a direcção de architectos nacionais. Uma vez terminado o certamen, a Casa de Portugal será o consulado do pais na formosa cidade do Guadalquivir.

Não é, certamente, destituída de interesse a nossa comparticipação nestas grandes manifestações de actividade internacional. Sobretudo em Sevilha, onde mais do que entre estrangeiros, podemos considerar que estamos entre irmãos, pois se trata de uma verdadeira comunidade de raças a que ali se reuniu, todos os ramos do duplice tronco lusitano e espanhol.

O hino que para a Exposição escreveram os irmãos Quintero, frisou esta ideia bem claramente, e uma estrofe canta particularmente o amor de Portugal. Talvez que esta estreita camaradagem, entre as nações ibericas e americanas, suas filhas, seja um preludio da desejavel cooperação que é a extensão do patriotismo, que corrige o que tem em si absorvente, — iamos a dizer egoista, o extreme nacionalismo.

A comunidade peninsular de afectos e de interesses, a irmandade deste ramo latino da Peninsula Iberica, que é na história do latinismo tão importante, e que tanto influiu nas grandes correntes de civilização romana, desde as eras mais remotas, é ainda hoje uma necessidade para o progresso e equilibrio do mundo. A civilização hispanica influiu na latina, gerou-a porventura; em nenhum século de Roma, e em nenhuma manifestação da vida de Roma deixou a Espanha, e Portugal, desde que Portugal assumiu uma personalidade independente, de exercer uma influencia importante e effcaz.

Este é assunto capaz de ocupar um extenso livro, mal o podemos acenar em uma crónica. Agora, não queremos deixar de notar uma outra circunstância. E' que em Sevilha, poucos dias depois de aberta a exposição, no mês de Maio, entre nós já tradicionalmente consagrado à Virgem, reuniu o Congresso Mariano.

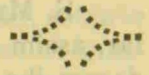
E' facil calcular o brilho e importância das festas desse Congresso, no qual, como na Exposição o haviam feito, se juntaram as nacionalidades ibericas e ibero-americanas. Estavam de Portugal eminentes personalidades, como os Senhores Bispo de Leiria e Arcebispo de Evora. Este Prelado, quando fez o seu discurso, que foi um canto às glórias da devoção peninsular e da peninsular actividade social, frisou aquella ideia de comunidade e irmandade de pensamento e afectos a que acima aludimos. Falando em portuguez (depois de um breve exordio que pronunciou em castelhano) disse que não podia a lingua portugueza ser ali considerada como extranha.

E bem que falou o senhor Arcebispo de Evora: — Portugal não é extranho na assembleia das irmãs ibero-americanas. E entre elas ocupa um logar distinto; merecem-no a sua história e merecem-lho tambem as previsões do seu futuro garantido por extensos territórios em que falarão a sua doce lingua muitos milhões de civilizados.

Avareza

A avareza é uma das paixões mais abjectas que podem entrar no coração humano. Se o avarento se conhecesse, havia de fugir de si mesmo. Que vileza no cego apêgo ao dinheiro! O Padre Regnier, secretario da Academia franceza, fazia em certa ocasião a colecta duma dobra de ouro, que cada académico devia pagar para as despesas comuns. Distrahido, não deu fé que um dos quarenta, o presidente Rosa, que era muito avarento, lançasse no chapeu o seu óbolo, e apresentou-lho segunda vez. O avarento como era de esperar, protestou que já tinha dado a parte que lhe tocava. «Eu creio,» disse o Padre Regnier «mas não vi...» — «E eu» disse Fontenelle, que estava ao lado «vi, mas não creio».

O CRUZEIRO DO BISPO



EXISTE na pitoresca freguezia de Mujães (Viana do Castelo) um lindo cruzeiro que no vulgo é conhecido pelo nome de *Cruzeiro do Bispo*, porque *Bispo* se chamava a pessoa que o mandou fazer.

Pertence à escola da renascença. Rebrilha nele a arte cristã, mas aquela arte que traduz ao vivo o sabor religioso e nos fala das maravilhas da nossa religião. E' lindo o Cruzeiro do Bispo e mais lindo do que ele não sei que haja em todo o Minho.

E' um Cruzeiro de pouca nomeada nas *escolas* porque vive no deserto e porque está escondido entre os Pinheiros duma aldeia humilde e silenciosa. Contudo os habitantes da freguezia de Mujães consideram-no como uma obra de arte e de fascinante maravilha.

Muitas pessoas há pelas redondezas que vão ali à noitinha fazer oração, e levar azeite para a lampada que arde toda a noite. Fica situado numa encosta, perto da *Lage Gôrda* e domina não só a freguezia mas toda a região dos Reis Magos.

Publicando hoje a «Ilustração Católica» a sua fotografia, só ela bastaria para dizer o que é e o que vale o *Cruzeiro do Bispo*, mas pede-me o diretor desta revista duas palavras — descrevendo o Cruzeiro — elas aí vão mal bordadas de conceitos:

DESCRIÇÃO — *Na base*: Na parte da frente, estão desenhados em alto relevo, os instrumentos da Paixão, como: dardos, lanças, cravos, etc. Também ali está figurada a *túnica* que serviu de juguete aos judeus que crucificaram o Senhor.

Diz assim o texto sagrado: «E depois de o crucificarem, repartiram os seus *vestidos*, lançando sortes sobre eles, para ver a parte que cada um levaria.» Isto o que afirma S. Marcos no cap. XV-24; S. Mateus diz o mesmo, mas em menos palavras: «E sôbre a minha *túnica* lançaram sortes» (Cap. 27-35).

Do lado do poente, encontra-se a seguinte inscrição que vai terminar do lado oposto: «O. S. (O Senhor) Jesus do Triunfo. Mando fazer por Manuel Rodrigues Bispo 1754.»

O fuste. E' em espiral. Está bem torneado. Os baixos relevo são finíssimas rendas que alindam formosamente o fuste.

Ao meio sobressai uma encantadora imagem da Senhora da Assunção, com dois Anjos a coroa-la como Rainha dos Anjos e dos homens, e tres anjos servem de escabelo.

O Capitel. E' a parte do Cruzeiro que revela mais sentimento piedoso, e onde o artista deixou vincado o seu talento.

Tem quatro faces, como é natural. Em cada uma está representado um passo da paixão a saber:

*

Nosso Senhor fazendo oração no Horto, tendo na sua frente o calix da amargura.

«Prostrou-se com o rosto em terra, fazendo oração, dizendo: «Pai meu, se é possível passa de mim *este calix*.» (S. Mat. XVI-39).

*

Nosso Senhor na varanda de Pilatos, quanto este verdugo o apresentou à turba-multa dizendo: «Eis: aqui está o homem». S. João, cap. XIX-4,5).

*

O terceiro representa a flagelação. Está Jesus preso à coluna e os verdugos a massacrá-lo impiedosamente. Um auctor descreve assim a sua flagelação: As mãos são presas à coluna; o carrasco despe o condenado; uma pedra é colocada na parte posterior, sobre ela o algoz está de pé com o azorrague em riste, disciplinando cruel e barbaramente a pobre vitima.

S. Mateus, aludindo a este particular, assim fala: «Tomaram uma cana e deram-lhe com ela na cabeça» (cap. 37-30).

S. Lucas, é conciso, mas diz tudo. Palavras de Pilatos: «solta-lo-hei depois de o açoutar» (cap. XIII-16).

Por último, Jesus, depois de sofrer tudo isto, depois de ser proferida contra ele a sentença de morte, caminha para o Calvário com a Cruz às costas. — «Então porém lho entregou para que fosse crucificado...; e levando a sua cruz às costas saiu para aquele logar que se chama Calvário, onde o crucificaram» (S. João XIX-16,771)



S. JOÃO DE DEUS

Obra do escultor José Ferreira Tendim e do pintor Alberto Barbosa
(Foto-amador Humberto Lima)

Finalmente remata com uma imagem de Jesus Crucificado. A cruz e a imagem são de pedra inteiriça.

A posição do rosto, o seu místico olhar, enlevam a alma e prendem o coração de quem o contempla.

Que formosura de Cruzeiro!

É uma joia de arte, mas de arte preciosa!

Eis, em poucas palavras, a descrição do Cruzeiro do Bispo.

Braga, Maio 1929. A. REIS LIMA.

Primeira Comunhão

— Nardissou Lausier!

A esta chamada, feita em voz severa que tinha conservado das suas remotas funções de capelão militar, uma rudeza exterior que escondia um coração de ouro, levantou-se uma pequerrucha, muito loira na luz da manhã. Fitou os olhos por um instante no interlocutor, teve um bater de pálpebras imperceptível e baixou-os, enquanto que as faces se lhe tornaram escarlates.

— Sabes-me dizer, Nardissou, o que é contrição?

Fez-se silêncio, depois a pequenina balbuciou:

— A contrição... a contrição...

— Então?! A contrição... a contrição é um pesar... não sabes então o catecismo. Nardissou?

Nardissou não respondeu e inclinou a cabeça ainda mais.

— Não ignoras, minha filha, prosseguiu a voz clara e forte, que é hoje o exame definitivo; que aquêles que o não possam satisfazer serão eliminados implacavelmente. Tu queres na verdade ir à primeira comunhão?

A pequena disse um:

— Sim, senhor prior — muito fraco.

— Pois bem: dize-me o que é contrição?

Uma vizinha de Nardissou ergueu o pescocinho magro de moreninha esparta e bondosa, e murmurou-lhe ao ouvido:

— É um pesar e uma detestação dos nossos pecados, com a firme resolução...

Mas Nardissou não a ouvia.

Ficou cabisbaixa, com um amargor na bôca, com imensa necessidade de chorar.

— Senta-te, pobre pequena; verei se te poderei admitir para o próximo ano, se fôres mais estudiosa.

E duas lágrimas — pesadas — rolarão dos cílios da pequerrucha sobre o seu avental axadrezado, lágrimas de criança, que desejaríamos recolher, de-

pois de lhe ter estancado a fonte, tanto elas denunciavam uma angústia infinita.

Estava-se em maio, e a catequese estava instalada no jardim do presbitério, um jardim rústico tanto quanto pôde ser, sem nada de simétrico, onde as malvarrosas avizinham com as couves, onde a borragem azul e cinzenta, mais azul de estar ébria de sol, arredondava os seus tufos ao pé dos grandes lírios extasiados.

Uma pequenita de cabelos castanhos foi interrogada, depois um rapazinho d'olhos azues, em seguida um outro, e depois um outro ainda.

A porta abriu-se por fim, e o grupo infantil dispersou-se como um bando de pardaes, pelos caminhos que se pontuavam de claridades discretas.

Nardissou Lausier não seguiu os seus companheiros. Tinha o coração muito ansioso para correr á procura das flôres dos taludes, desabrochadas de fresco: os morriões brancos e semelhantes a estrêlas, as verónicas côr de céu noturno, as violetas sem perfume a que chamam em França *violetas de serpentes*, os ranúnculos, ainda raros, e semelhantes a taçazinhas d'ouro onde se detivesse uma gota.

Desejaria todavia, colher algumas delas. Alma cândida e apaixonada pela beleza das coisas gostava muito das flôres. Mas estava triste, e as maravilhas que de ordinario a atraíam seriam, por uma vez só, abandonadas. Tinha também decidido alguma coisa.

Tinha estudado o catecismo, sabia-o tão bem como outra qualquer. A contrição? é um pesar e uma detestação dos pecados, com firme resolução de se corrigir deles. Repetia isto a meia-voz, como para se convencer bem de que o sabia.

E porque é que, direis vós, respondeu ao prior com um balbucio? Porque? Porque era tímida, porque o prior tinha uns olhos enormes que a perturbavam e uma voz que lhe dava calafrios.

Pobre criança! Mas havia alguém



BRAGA — Na Páscoa — A saída da Cruz paroquial da freguezia de S. Victor

(Cliché de Humberto Lima)

de quem ela não tinha medo e que era onnipotente, Nardissou resolvera contar-lhe o seu desgosto. Ele era bondoso e havia de a comprehender.

E Nardissou a passos ligeiros, ia andando. Chegou à Igreja e alcançou um lugar desviado, detraz dum pilar, perto dum bom santinho, rigido no seu nicho. Ajoelhou e levantou os grandes olhos côr do céu para o santo de pedra. Era um monge de ascética figura, cujas mãos tinham um gesto de acolhimento. Tinha sido tôscamente talhado, sem dúvida, por um artista de aldeia, talvez, ha muitos anos, numa época em que só se olhava á alma; mas parecia bom como

próprio Deus e passava por fazer milagres. E Nardissou dizia ao monge: — Eu não passo duma criança e o senhor prior mete-me medo. Usa grandes óculos com aros de ferro que lhe tornam os olhos ferozes. e quando me fala, anda-me a cabeça á roda. Não me lembro duma palavra. Fico estúpida, como o falecido Tistou, que, como o deveis saber, bom S. Francisco, era idiota de nascença. Se vós me não ajudais, não farei a minha primeira comunhão. Mas estou certa que vós me ajudareis, bom S. Francisco, e que apesar de tudo, farei a primeira comunhão.

O sossêgo era completo: o sossêgo profundo dos santuários rústicos onde a religião se inclina, se despe do aparato que na cidade reveste, e tem humilidades que cheiram bem ao presépio, á oficina de Nazareth, ás prégações á pópa de barcos primitivos.

Nardissou deixou a atitude suplicante e sentou-se, fatigada, com um movimento de lábios em oração maquinal.

A cabeça não tardou a inclinar-se para a frente. O silêncio era tão profundo! E Nardissou adormeceu-se com um padre-nosso não acabado a girar-lhe no cérebro para adormecer de todo com grande escândalo dos Fariseus representados na Via Sacra e sem que a serenidade do santo de pedra nem por um instante se perturbasse.

E Nardissou sonhou. Teve um sonho magnífico.

Sonhou que á hora em que os passarinhos despertam e chilreiam, á hora de romper do dia, das águas como que virginais, das fôlhas mais verdejantes, que, docemente estremecem, quando os oiteiros deixam cair os seus mantos de brancas neblinas e aparecem em túnicas dum violeta ideal, sonhou que fazia a sua primeira comunhão, em plena natureza, entre as flôres que ela amava. Trazia um vestido tecido com fios de Nossa Senhora, um vestido que era bordado de luz, e lá foi pelo silêncio da manhã com as mãos juntas com os olhos no chão, erguendo-se as pequeninas violetas

nos seus caules para a verem passar. O verdilhão saúdava-a com o seu flautado, o rouxinol a designava com um gorgeio. As rainhas-dos-prados, das margens de la Tarde, estendiam-lhe cortezmente as umbelas, a milfurada ou hipe-ricião marchetava-lhe o caminho de estrêlas, d'ouro e os juncos dos taludes agitavam de contentamento as suas formosas coifas amarelas.

Chegou á Prêe-des-Places, onde tinha por costume conduzir o seu rebanho.

O santo de pedra a aguardava ali. O cura encontrava-se lá também, mas vestido de menino de côro e gracioso, como ela o queria sob a batina vermelha e a curta sobrepeliz. Não se tinha esquecido dos óculos, mas em vez de lhe darem o ar terrível que Nardissou conhecia, acentuavam-lhe o mesquinho semblante, a tal ponto que dava vontade de rir. E era bem feito, não era? Ele merecia bem aquela humilhação. E eis que para o mortificar ainda mais um melro o olhou dum modo sôrna e assobiou, e a brisa murmurou ralhadora: Oh! esse mau desse cura que despresou Nardissou!

A cerimónia passou-se conforme o rito habitual e Nardissou voltava, muito contente, admirando o vestido que despedia raios de luz e dando os bons-dias às florzinhas suas familiares, quando uma voz áspera a perturbou.

— Dormes, pequena? ribombara a voz.

Teve algum custo em abrir os olhos e conservou do seu sonho um sorriso. Notou que estava na igreja e que o cura, em sotaina, desta vez negra, a examinava, com os olhos redondos mas imperfeitamente ainda — e pronunciou de si para si:

— Que lindo sonho!

A esta reflexão, a face do cura iluminou-se e deu-lhe o ar dum homem verdadeiramente bondoso, duma pessoa bondosa como um pai. Ele até tratou por tu Nardissou.

— Com que então, sonhavas, pequena?

(Continua)

D. Maria Deolinda Veloso de Matos Graça

Na flôr da idade, quando a vida se apresenta cheia de esperanças e duma felicidade a que todos aspiram, faleceu na casa de seus pais, no Palacete Veloso, ao Largo de Nossa Senhora-a-Branca, a menina D. Maria Deolinda Veloso de Matos Graça.

A saudosa extinta era modelo de filha. Piedosa, inteligente, era querida de todos quantos a conheciam e sabiam apreciar as



D. Maria Deolinda Veloso de Matos Graça

suas peregrinas qualidades. Na sua morte a todos deixou vivas saudades. Morreu, recebendo os Sacramentos da Igreja na mais doce e santa conformidade.

*

D. Maria Deolinda Veloso de Matos Graça, nasceu na casa de seus pais ao Passeio Alegre, na Vila da Povia de Varzim, a 7 de Agosto de 1908, e faleceu no palacete Veloso, à Senhora-a-Branca, desta cidade, a 28 de Fevereiro último.

Era filha do saudoso João Luiz de Matos Graça, e da Snr.^a D. Mariana da Rocha Veloso; neta, pela parte paterna, de Manuel José Gomes da Graça, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Amélia Luiza de Miranda Matos Graça; neta, pela parte materna, de Manuel José da Ro-

cha Veloso, Comendador da Ordem de Cristo e opulento proprietário e capitalista e de sua mulher D. Rosa Amelia da Rocha Veloso; bisneta de João de Matos de Faria Barbosa, senhor e representante das casas do Paço Velho e de Matos, em Barcelos e último Capitão Mór do mesmo concelho e de sua mulher D. Luiza Miquelina de Miranda Matos e 17.^a neta de Nuno Gonçalves de Faria, o glorioso Alcaide do Castelo de Faria.

Anagrama

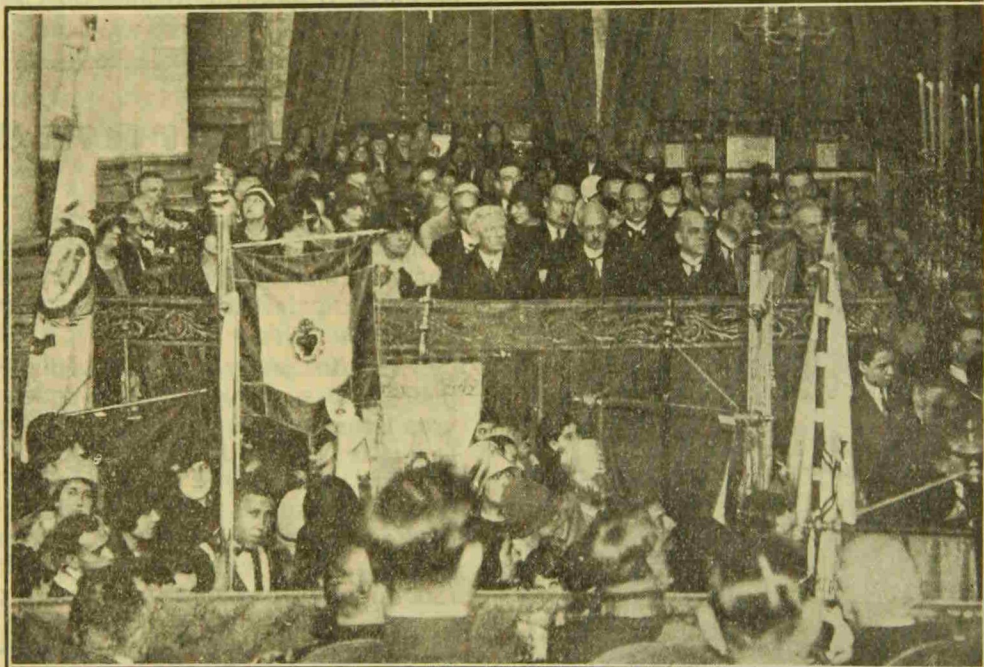
Dá-se o nome de anagrama a uma transposição e nova combinação das letras duma ou mais palavras, donde resulta uma ou mais palavras diferentes, com novo sentido.

Um dos anagramas mais felizes e mais justos que se conhecem, são aquelas palavras latinas com que se responde à pergunta que fez Pilatos a JESUS-CRISTO: «*Quid est veritas?*» («Que é verdade?»). Estas palavras, dispostas e combinadas de outro modo as letras, dão exactamente a seguinte resposta: «*Est vir, qui adeste*». («E' o varão que está presente»). O que é precisamente o que o próprio JESUS-CRISTO diz de si mesmo: «*Ego sum... veritas*». («Eu sou a verdade»).

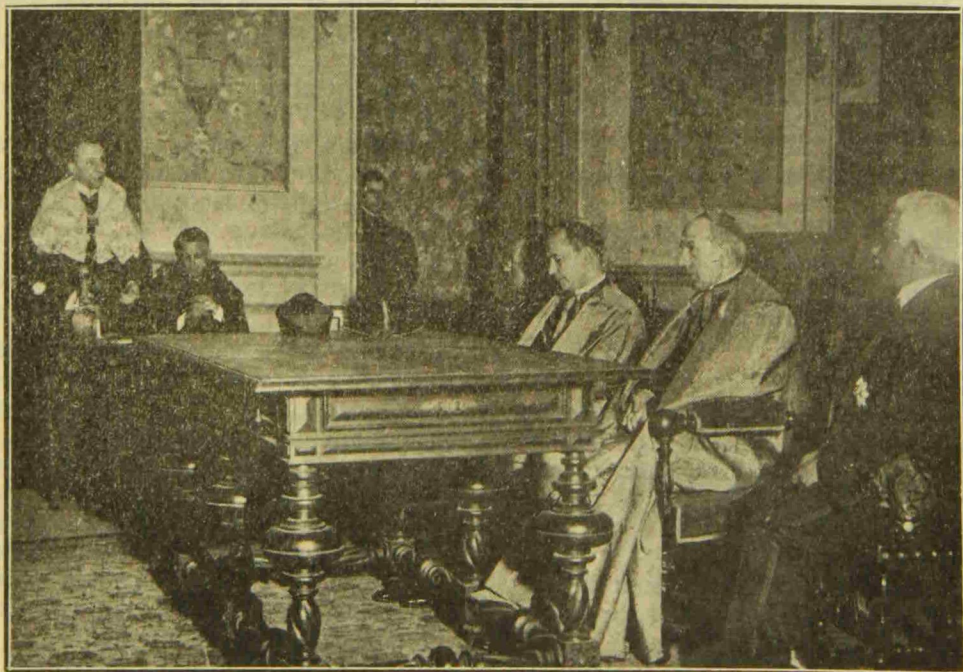
Outro anagrama muito feliz é o seguinte: Sabe-se que um dos mais sublimes e gloriosos privilégios da Virgem Santíssima é o da sua Imaculada Conceição. Ora, tendo o Arcanjo S. Gabriel resumido, ao saudar a Virgem na anunciação, as suas principais grandezas, era de crer que naquela saúdação se contivesse mais ou menos explicitamente a afirmação da Conceição Imaculada. E, na verdade, toda a teologia católica vê tal afirmação nas primeiras palavras do arcanjo: «*Ave, gratia plena*».

Ora, se a estas palavras acrescentarmos as que imediatemente se lhes seguem na saúdação angélica, e interpusermos, com a Igreja, entre a primeira e a segunda palavra o nome santíssimo de MARIA, obtemos: «*Ave, MARIA, gratia plena, Dominus tecum*». («Ave, MARIA, cheia de graça, o Senhor é contigo»). Combinem-se agora devidamente as letras destas palavras, e ver-se-há que, sem sobejar nem faltar nenhuma, resulta precisamente a seguinte afirmação da Conceição Imaculada: «*Dei para inventa sum, ergo immaculata*». («Achei-me Mãe de DEUS, portanto Imaculada»).

Em Lisboa *O Acordo entre a Italia e o Vaticano*



NA SÉ PATRIARCAL — Por ocasião do Te-Deum comemorativo deste importante facto. A tribuna do Corpo diplomático.



NO TEATRO NACIONAL — A manifestação comemorativa do mesmo Acordo. (Fot. A. Salgado)

Em Lisboa



A bênção das pastas dos estudantes de Direito, na igreja dos Martires, com a assistencia do Ex.^{mo} Snr. Nuncio Apostólico.



Festa dos Escoteiros de Portugal, no mez de março último. — Um aspecto da parada, no Rocio. (Fot. A. Salgado)

No Outono da Vida

Diálogo íntimo

(Conclusão)

Luiza — Amaste-lo então, desde logo?

Izabel (tristemente) — Pobre Luiza! Sempre essa ideia fixa! — Olha, não sei dizer-te se me afeiçoei a ele desde logo, nem mesmo quando comecei a afeiçoar-me. — Sei que o Jorge, fatigado e saciado da atmosfera burgueza de ostentação e luxo de que a madrastra lhe enchia a casa paterna, e sentindo a nostalgia saudosa da provinciana mas aristocrática simplicidade com que a virtude insinuante e doce de sua Mãe, carinhosamente lhe havia dirigido os primeiros passos na infancia, guiando-o e educando-o nesta suave e pura atmosfera moral até à primeira juventude, em que teve a infelicidade de a perder, — instinctiva e espontaneamente — num impulso de filial sentir, se abrigou ao meu pobre mas sincero coração, que o compreendeu e naturalmente acolheu, amando-o hoje maternalmente.

Como vês, começamos por nos *adivinhar*, compreendemo-nos depois — e por tal forma confiámos um no outro que, conforme te disse — o Jorge é actualmente o *filho estremecido* da minha alma!

Luiza — Mas nunca receiaste apaixonar-te?

Izabel (com intimativa) — Como admitir sequer um pensamento que, na minha idade, só podia profanar a elevação do meu sentir, tornando-me ridícula aos meus próprios olhos?!

Luiza (sem compreender) — E nem sequer te sentias captiva dos seus atractivos físicos, da sua natural elegancia e da sua bonita figura de rapaz?

Izabel (rindo) — Atraíram-me, por forma tal, as suas qualidades morais, os seus nobres sentimentos e excelente coração que, para te dizer a verdade, só depois que me afeiçoei ao Jorge a ponto de o considerar realmente o meu filho adoptivo, — é que o maternal affecto que lhe consagro me fez notar-lhe a fisionomia simpática e distincta e a sua elegante e bela estatura!

Luiza — Mas não sofres, comparando aquela esplendida juventude com os estrágos — ou antes — *com as ruínas* que a ida-

de vai causando na tua — e que tu nada procuras disfarçar ou encobrir?

Izabel — Pelo contrário, gozo indizivelmente com essa comparação.

Luiza (admirada) — Como é isso possível?

Izabel (Apontando-lhe a janela) — Esqueces, por acaso, que é nas ruínas que a viçosa hera se desenvolve e cresce, e não nas paredes novas, pintadas a capricho ou artisticamente cobertas de azulejos?

Luiza — E não receias vê-lo amado por outra?

Izabel — Pelo contrário. E' essa uma grande alegria para mim, porque com os seus dotes morais e atractivos físicos, o meu querido Jorge há-de ser amado com um amor que lhe encha a existencia e o torne verdadeiramente feliz.

Luiza — E não destruirá a tua, essa felicidade que lhe desejas?

Izabel — Nunca! Antes mais e mais m'a radicará. — Pois não vês que no desempenho da santa e adorável missão de que me considero investida — que é a da lhe substituir, quanto possível, o amor de Mãe, que o estremecia — eu só serei feliz com a sua felicidade — que a minha própria considero!

Luiza — Como te invejo esse modo de sentir, — ou antes — a felicidade que elle dá!

Izabel — Como eu desejo que o partilhes, para tambem partilhares a minha felicidade! E lembra-te que a não considero menos sólida e duradoira do que duradoiras e sólidas se tornaram essas ruínas (*apontando para a janela*) amparadas e adornadas pela hera que as embeleza e segura!

Luiza (olhando tambem para a janela, diz tristemente) — Meditarei nesta bela e significativa lição, não esquecendo que até flôres desabrocham sobre as ruínas!

Izabel (interrompendo) — E nota que é só em pleno Outôno que a hera se cobre de flores!

Luiza — E não é tambem durante o Inverno que as pombas sob a sua folhagem se abrigam?

Izabel — Como é tambem durante o Inverno da vida que mais nos encantam e

consolam as puras e doces afeições da nossa alma — porque elas nos alegram ainda a existencia vindo como as meigas pombas sob a folhagem da era, — abrigar-se confiadamente à sombra carinhosa e calma da nossa dedicação que as ampara e acólhe.

Luiza (com pungente ironia) — Mas sempre é necessário não esquecermos que todas as nossas afeições devem estar de acôrdo com a estação da vida em que nos encontrâmos. . .

Izabel (abraçando-a) — E alegrando-nos com a certeza, de que assim como a hera transforma as ruínas, segurando-as e fortalecendo-as com as suas longas hastes, embelezando-as com a sua folhagem e aromáticas flôres. . . que só no Outôno desabrocham, também há sentimentos sublimes e profundos que nos enchem a existencia, e que nos dão a mais doce e completa felicidade até mesmo «*No Outôno da Vida!*».

Braga, 6 de Abril de 1925.

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES



SOLTOS

Uma orgia sacrilega

Em 1793, época tão fecunda em crimes de toda a espécie, um regimento francês, que se achava na Itália, passou por uma aldeia na ocasião duma tempestade, que foi seguida de grande chuvada. Os soldados encontraram a igreja aberta, e entraram nela para se abrigar. Como se estava num tempo, em que se lidava por destruir a religião, e em que aqueles cuja fé e piedade não eram bem enraizadas, folgavam de se mostrar ímpios, os soldados portaram-se no templo do Senhor como no lugar mais profano.

Subiu à cabeça de alguns, que se mandasse vir para ali vinho: esta proposição foi bem recebida. Trouxeram-no com efeito em grandes palanganas: mas, como não havia bastantes taças e copos para o distribuir, houve um soldado a quem a impiedade levou a buscar um vaso sagrado por

meio de um horrível sacrilégio. Sob o altar, mete dentro a porta do sacrário, ousa tomar em sua mão o cibório, lança ao chão as hóstias santas que êle continha, e acerca-se dos outros todo triunfante. Mas era chegado o momento em que o Senhor ia fazer estalar a sua vingança sobre aquele desgraçado.

Ao mergulhar o vaso sagrado numa das palanganas, onde estava vinho, caiu redondamente morto! E, para que ninguém duvidasse de que esta morte era efeito da vingança dum DEUS irritado, ninguém lançou a tirar-lhe das mãos o cibório profanado, por mais esforços que para isso empregaram os que estavam presentes. Recorreu-se ao pároco da frêguesia, que logo lho tirou sem custo.

Muitos dos habitantes da paróquia, que naquela ocasião se achavam na igreja, foram testemunhas do sacrilégio cometido pelo soldado e das consequências que elle lhe rendeu. Um dêles, que era mau cristão, converteu-se e confessou-se naquele mesmo dia.

«A justiça de Deus» diz S. Cipriano, «pesa sobre alguns, para servir de exemplo a todos — *Exempla sunt omnium tormenta paucorum*».

Necessidade da temperança

Hipócrates, célebre médico da antiguidade, viveu cento e quarenta anos. Perguntando-lhe alguém um dia, em sua velhice, o que tinha ele feito para conservar tanto tempo a sua vida, respondeu que nunca se levantara da mesa sem um resto de appetite.

*

— Diógenes, filósofo cínico, vendo um moço, que tinha consumido loucamente todos os seus bens, reduzido a ceiar uma simples azeitona, disse-lhe: «Se tivesses almoçado sempre assim, terias hoje uma ceia muito diferente da que tens».

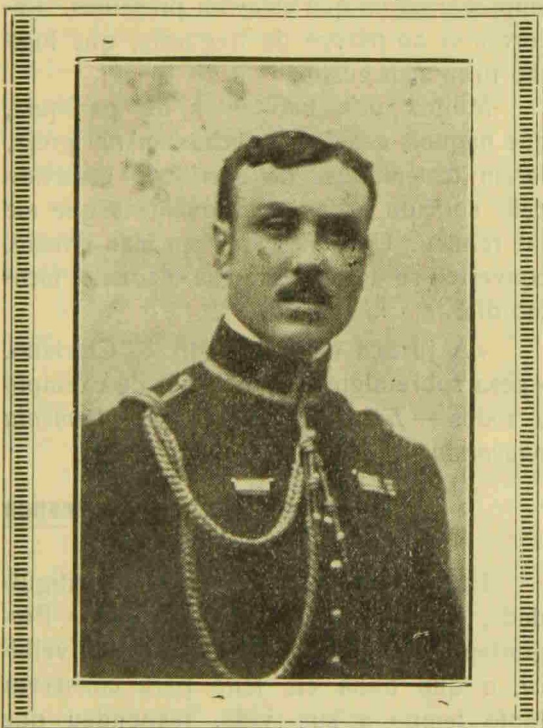
*

— Os antigos Romanos vedavam aos moços o beber vinho antes dos trinta anos; e as suas mulheres privavam-se dêle toda a vida.

O Rosario do Estudante

A guerra da Crimêa déra ensejo a que se manifestasse a fé de muitos dos soldados, que nela tomaram parte, bem como a sua confiança na Santissima Virgem, Nossa Senhora. Esta reacção cristã no exercito despertou o sentimento religioso em outros corações e disso há uma prova o que se passou na Escola Polytechnica de França.

Um dia, á hora do recreio, estando muitos rapazes reunidos numa das aulas, em vista do mau tempo lhes não



BRAGA — O Snr. capitão Francisco Caravana, novo governador civil deste districto

permitir sair, entrou nela, de repente, um estudante. muito alegre e animado, que trepando a uma cadeira, pediu a todos o maior silencio.

Rodream-n'o imediatamente, prontos a dar a maxima atencção ao que ele tinha a dizer.

«Senhores» — exclamou ele — é bom termos, de vez em quando, um divertimento extraordinario; a não ser assim o trabalho acaba por nos entorpecer. Para os que pensam como eu,

eis uma occasião esplendida, uma verdadeira mina. Achei uma cousa assombrosa, prodigiosa, inaudita, tanto que aposto cem francos, mil até, em como nunca adivinharão o que seja, salvo, já se vê, aquelle que a perdeu, se fôr algum dos estudantes desta escola, o que se me não afigura possivel. Mais depressa diria que essa cousa pertence a algum habitante da lua.

«Vamos, adivinham o que é que eu achei num dos corredores? — Uma nota de cem francos? «O' seu avarento, que vergonha! pensar logo em dinheiro e tão novo ainda!».

— Uma caixa de rapé, gritou um. — Um cachimbo, exclamou outro. — «Ah! já vejo, camaradas, que o melhor que tendes a fazer é seguir o conselho de M.^{me} de Sévigné e desistir de adivinhar.

«Lá vai! — eis o objecto; aqui está, Senhores e Senhoras — digo Senhoras, porque sôa bem; aqui está o meu tesouro!». E estendendo a mão, apresentou á admiração geral um Rosario. «Um Rosario! é deveras um Rosario!» — exclamaram todos.

Que extraordinario, que impossivel! E' a ultima cousa que nos viria á idéa. Qual será, entre nós, o pateta tão imprudente que traga semelhante cousa consigo? Não foi, de certo, nenhum dos estudantes quem o perdeu; e não vejo nesta escola nenhum santo que o podesse ter deixado cair. Que esplendido passatempo para substituir o estudo! E' possivel que alguem, nesta casa, diga o Padre Nosso, vá á Missa e se confesse?

— Eu não — exclamou um. — Nem eu, não sou tão parvo, — gritou outro.

«Aposto o que quizerem, em como este Rosario não será reclamado por nenhum dos estudantes. A pessoa a quem pertence (se pertence a alguem), não terá pressa de o reclamar. O peor é para ele, pobre diabo! como nos haremos de rir á custa dele! Cair-lhe-ha em cima, todo o dia, um chuveiro de mofas e escarneos!»

«Bem vêdes, Senhores, que vos não enganei — disse, no meio deste côro de motelos e graças, aquele que tinha o Rosario na mão. — Não parece esta descoberta muito original? Um Rosario, que vale muito para um amador; vêde, as contas são engastadas em prata. Tenho a certeza de que veio de Italia; e a minha avó, que é muito devota, pagar-me-hia bem um presente destes. Vamos, vamos, quem o reclama? Adiante-se aquele que ousar fazel-o».

Um estudante, que um pouco afastado estava sentado a uma meza coberta de desenhos e livros, levantou a cabeça. Cruzando os braços, contemplou esta scena estranha com um sorriso placido e irresistivel. A sua fisionomia nobre e franca, ao mesmo tempo firme e severa, denotava grande intelligencia. E nele, as apparencias não iludiam. Entre

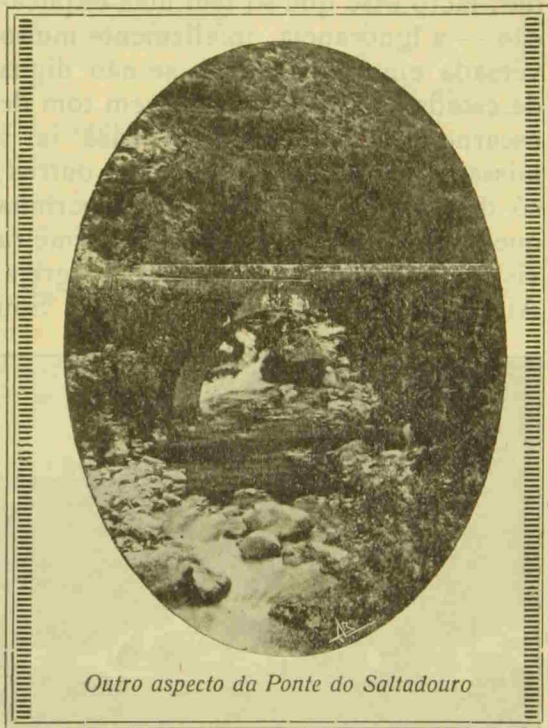


VIEIRA DO MINHO — Ponte do Saltadouro

todos os estudantes, passava por um dos melhores, senão o melhor; Henrique Blanc, era o seu nome. Alem de que o seu belo character lhe havia ganho

a amizade do maior numero dos seus condiscipulos, como o seu saber, a estima de todos.

«E' evidente que o Rosario a nin-



Outro aspecto da Ponte do Saltadouro

quem pertence» — gritou o seu descobridor, que naquela ocasião fazia o officio de pregoeiro.

— Vou repetir outra vez: um, dois...

Nesse momento, Henrique aproximou-se do circulo dos curiosos espectadores e estendeu a mão. Muito socgado e com a voz firme, disse, no meio do grupo admirado: — «Esse Rosario é meu, ou, pelo menos, é muito semelhante ao meu; tenha a bondade de m'o dar.

— E' seu! seu! realmente! E' dele! Impossivel! Não pode ser! Tanto quanto o conhecemos, é um rapaz digno; mas está a brincar, — diziam todos ao mesmo tempo.

— Eu nunca brinco com cousas desta ordem, — disse Henrique, nada atrapalhado com o riso zombeteiro d'alguns, nem com os olhares de simpatia d'outros, que tinham pena dele.

«Sim, repito, este Rosario é meu e reclamo-o. Deu-m'o minha mãe, quando esteve a morrer, a morrer, ouvem?

E prometi-lhe guardal-o sempre e sempre conservar-me fiel ás minhas crenças. Não ha muito ouvi alguém falar, com falta de respeito, das cousas sagradas, facto esse que só tem uma explicação — a ignorancia, infelizmente muito versada em assuntos que se não digna de estudar. Ouvi perguntar, em tom de escarneo, se alguém desta casa ia á missa. Nada sei do que fazem os outros; só de mim falo. Nunca Deus permita que eu falte a ela; e a minha primeira visita ao domingo é sempre á Igreja. Ainda isto não é tudo, senhores. Sou

— «Está zangado comigo?» perguntou a Henrique.

— Deus me defenda de tal, meu amigo, mas com toda a franqueza lhe digo, que se portou um pouco... leviamente.

— Doido é que me deve chamar; não tenha medo de o dizer, porque agora vejo que andei muito mal. As suas palavras fizeram-me reflectir e estou bem arrependido do escandalo que dei e das tolices que disse.



Restricção mental

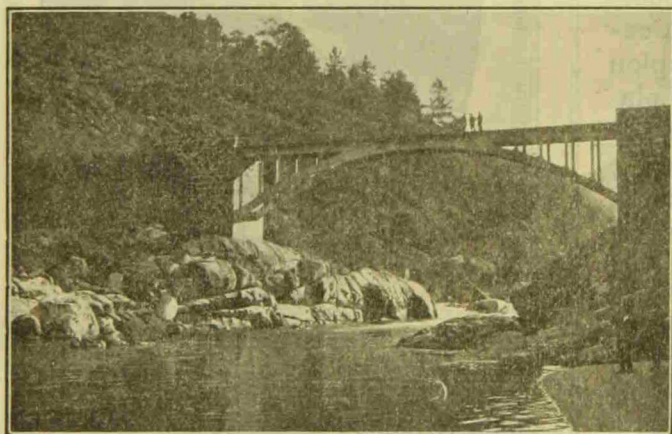
Se nunca é lícito atraiçoar a verdade pela mentira, póde contudo permitir-se o engano de interrogadores indiscretos ou injustos, calando a verdade que eles indevidamente querem saber. E' o que se chama restricção mental.

Quem mente, engana o próximo; quem usa de restricção mental, permite que o próximo a si mesmo se engane.

Santo Athanásio, patriarca de Alexandria no século IV, foi objecto de continuadas perseguições, suscitadas pelos herejes arianos, dos quais era o terror. Uma vez, obrigado a fugir, meteu-se numa embarcação, e ia subindo pelo rio Nilo para a Thebaida.

Os seus inimigos perseguiam-no, e em breve o alcançariam, quando o santo Patriarca ordenou ao piloto que voltasse para trás, em direcção a Alexandria. O seu navio passou ao lado do dos Arianos, os quais perguntaram em altas vozes: «Vistes o Bispo Athanásio?» Os amigos do Santo responderam: «Ele não está longe: o seu navio passou aqui ainda não ha muito».

Estas palavras, que diziam claramente a verdade, mas não a verdade que os perseguidores desejavam e à qual não tinham direito, permitiram que a imprudência d'elles formasse um juizo errado. Aceleraram pois o andamento do navio, na esperança de atingir Athanásio subindo o rio; mas, de facto, cada vez mais se afastavam do santo Bispo, que, dirigindo-se em sentido contrário, entrou em Alexandria.



PARADA DE BOURO — Ponte de cimento armado sobre o Cávado

religioso, como Vauban, nosso illustre mestre, como Turenne, Condé, Villars, herois todos, como Bossuet, Fénélon e muitos outros grandes homens. Longe de me envergonhar, sinto orgulho de me encontrar em tão boa e tão gloriosa companhia».

Esta declaração de principios tão firme e tão franca, fez em todos grande impressão. Uns, hesitantes, não sabiam se haviam de a aprovar ou escarnecer. Outros, que d'antes se sentiam dispostos a gracejar, retraíram-se deante deste intrepido defensor da Religião.

A maior parte dos estudantes, generosos e inteligentes, admirando a coragem de Henrique, aplaudiram-n'o cordalmente e estenderam-lhe a mão em sinal de estima por um tão intemerato e valoroso cristão. O que achára o Rosário, foi um dos primeiros a ir ter com ele.

O Verbo Amar

... Tem revérberos de chama,
ferezas de espinho acerbo ...
Amo ... tu amas ... êle ama ...
Foi êste o primeiro verbo
que aprendi a conjugar,
na escola, criança ainda!
E ... decorei-o ao luar
de lua cheia (tão linda!)
numa noite de encantar.

O Verbo Amar ... estudei-o,
só mais tarde vi que é rosa
muitas vezes espinhosa
com mil venenos no seio.

O Verbo Amar ... Como é lindo
na cadência, modulado
num cantar de anjo sorrindo
— quando, puro, é conjugado
de joelhos, a rezar! ...
Oh! bendito o Verbo Amar
cantando assim harmonias
de pureza juvenil,
desferindo aleluias
de madrugada de abril!

Tem revérberos de chama,
mas nem sempre é espinho acerbo ...
Amo ... tu amas ... êle ama ...
Conjuga, tu, êste verbo.
de coração a vibrar
— ó Mocidade — a cantar
preces na alma, rezando
canções de vida e de paz!
Conjuga-o no sonho brando
e puro de Galaaz ...
Na Gramática de Amor
deves ter o olhar fixo.
Deves sabê-la de cor
com o seu verbo bendito ...
Chama-se ela — o Crucifixo:
o Verbo Amar no infinito! ...

Paços, 7-3-929

CANDIDO PERCEVAL

ANECDOTAS HISTORICAS

Quando el-rei D. Afonso IV passou a Castela com o fim de socorrer o Castelhana contra o Mouro, que infestava aquele reino, fazendo-se conselho, votaram os capitães castelhanos que se desse Tarifa aos Mouros, para que desistissem da guerra. Opoz-se el-rei generosamente a esta resolução dizendo: Eu não saí do meu reino com gente tão costumada a vencer, para consentir que os infieis se fiquem com logar, uma vez, possuido por cristãos.

Seguindo-se o voto d'el-rei, se deu a memoravel batalha do Salado, em que os Mouros ficaram vencidos. Oferecendo-lhe el-rei de Castela todos os despojos desta victoria, el-rei lhe respondeu que não saíra do seu reino a buscar riquezas, senão gloria; e que tendo-o ajudado com as armas, o servia tambem com o fructo delas; mas que para levar ao seu reino a noticia daquela victoria, tomava algumas armas do infante Abohamo, filho d'el-rei Sejulmença e cinco bandeiras, que ganhara por suas mãos.

* * *

Persuadindo um amigo a Diogenes que se não exercitasse tanto no trabalho, o filosofo respondeu sabiamente: Se tu correras no estadio em competencia, por ventura pararias ou afrouxarias estando já perto da raia ou balisa? Antes apertarias o passo. Quanto menos resta de vida, tanto devemos procurar seja mais honesta.

* * *

Nada ha grande uma vez que tenha fim; e quem quizer que lhe pareçam pequenas as cousas, que a outros se representam mui grandes, ponha-as diante da eternidade e tão pequenas ficarão, que totalmente as perca de vista, como se perde a terra a quem olha para baixo desde o firmamento.

* * *

O que sobre tudo se deve desejar neste mundo, é carecer de poucos e fazer bem a muitos.

A caridade é uma escada de ouro; e esta escada tem oito degraus.

O degráu inferior é dar; dar com a mão, e não com o coração. O pobre aceita, porque precisa; mas diz: Ai! que mau rico! E Deus, não tem recompensa para tal esmola.

O segundo degráu é dar com boa vontade, mas não segundo as suas posses. Beneficencia que calcula, não é caridade.

O terceiro degráu é dar conforme os seus meios, mas depois de ter sido solicitado. Muitas vezes nos enganamos; porque muitas vezes aquele que pede não tem precisão.

O quarto degráu é ir ao encontro do infeliz; mas dando-lhe na mão, excita-lhe a vergonha.

O quinto degráu, é dar sem ser visto; os nossos avós depositavam muitas vezes uma esmola em um logar, aonde os pobres a iam buscar sem serem vistos.

O sexto degráu é dar sem nos darmos a conhecer.

O setimo degráu é dar tudo sem que— o que dá e o que recebe se conheçam; é o que se fazia no santo templo de Jerusalem, com os depositos na sala do misterio. Trazia-se em segredo e em segredo eram sustentadas familias pobres e respeitaveis.

O oitavo degráu é dar para tirar da miseria ou para impedir que se caia nela. Por isso está escrito: «Se o teu irmão se desvia, se a sua mão enfraquece, ajuda-o, faze com que ele não caia; estrangeiro ou indigena, faze com que ele viva ao pé de ti, sustenta-o honradamente». Este é o degráu mais alto da *escada de ouro* da caridade, e para quem Deus reserva todas as suas benções.

* * *

Estava o insigne capitão Leonidas em campanha, e dizendo-lhe um dos seus soldados ao ver o inimigo: Senhor, estão já perto de nós, Leonidas respondeu: e nós perto deles.

COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primaria e Curso Liceal

Piano, canto, desenho, pintura e fiôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

FRANCISCO PEREIRA VILELA

Antiga Casa

Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA

Telefone n.º 59

Secção de Igreja

Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.

Secção Militar

Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.

FALAR NA



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Canção Reis, 87

BRAGA

I Serie — “Liturgia e Monaquismo,,

- I Volume — **A Vida na Paz**
D. I. Van Houtryve O. S. B.
- II Volume — **Sponsa Verbi.** A Virgem consagrada ao Senhor
D. C. Marmion O. S. B.
- III Volume — **O Segredo do Claustro**
D. Pio de Hemptinne O. S. B.

II Serie — “Vida Litúrgica,,

- I Volume — **O Sacramento da Confirmação**
P.º Cipriano do Vale O. F. M.
- II Volume — **Como hei-de estar na Igreja**
(CERIMONIAL DOS FIEIS) — *P.º António Coelho*
- III Volume — **A importancia da cultura litúrgica na vida espiritual**
P.º António Coelho
- IV Volume — **¿ O que é a Liturgia ?**
P.º António Coelho
- V Volume — **Congresso Litúrgico de Braga.** Manual do Congressista — *P. M. Justino Teles*
- VI Volume — **A minha Profissão.** (Ritual da Profissão de Fé e Cernhão Solene) — *P. António Coelho.*
- VII Volume — **Pequeno Missal Bracarense**
- VIII Volume — **A Vida de Santa Zita**

P. ANTÓNIO COELHO

Curso de Liturgia Romana

Volumes publicados: I — Liturgia fundamental. II — Liturgia Sacrifical. Noções gerais. Rubricas. III — Liturgia Sacrifical. Cerimonial.

JESUS CRISTO, VIDA DA ALMA 3.º milhar

D. Columba Marmion O. S. B.

Manual de Adoração ao SS. Sacramento

3.º milhar da 2.ª edição

LIMA, FILHO & C.ª L. DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS